

KID ABELHA & OS ABÓBORAS SELVAGENS

O grupo campeão de execução chora suas mágoas e chuva com José Emílio Rondeau

“Posso dar um aparte?” A voz de Paula Toller sobrepuja os acordes de blues que B.B. King está cuspidando pelo rádio do estúdio de fotografia onde o Kid Abelha se reúne numa chuvosa tarde carioca de primavera. Misturando sarcasmo e inocência em doses iguais, Paula quer interferir numa conversa sobre as péssimas relações entre sua banda e a crítica paulista. “Os críticos paulistas são uns nazistas e merecem ter Jânio Quadros como prefeito!”

Paula e os demais integrantes do Kid Abelha (o baixista e vocalista Leoni, o guitarrista Bruno Fortunato e o saxofonista George Israel) têm motivos de sobra para destilar tanto veneno na direção dos escribas de São Paulo, ainda que sempre o façam sob uma salva de gargalhadas. Desde o surgimento da banda, em 1981, o Kid Abelha tem sido um dos alvos favoritos da ala de críticos paulistas que vê no rock carioca um valor tão grande quanto uma moeda de 20 centavos. É o velho antagonismo entre sucesso comercial e relevância artística. E o Kid Abelha não poderia ficar de fora desta contenda. Em exatos quatro anos de carreira, a banda acumulou vendas de quatrocentas mil cópias de uma discografia popularíssima nas FMs e nos programas de clips. Somente do 1º álbum, *Seu Espião*, foram retirados sete hits de rádio, tanto raro para um artista de qualquer quilate, mais ainda para um que estava estreando. No primeiro mês desde seu lançamento, o recente *Educação Sentimental* alcançou a marca de sessenta mil cópias vendidas, apoiado no funk irretocável de faixa “Lágrimas e chuva”. Se existe uma banda carioca de sucesso, ela se chama Kid Abelha e Os Abóboras Selvagens.

E é aí que começa o problema. Uma casta da crítica paulista prega que sucesso é sinônimo de porcaria e fecha ouvidos e olhos ao saboroso pop de bandas como o Kid Abelha, Blitz e Paralamas do Sucesso. Mas esta mesma casta esquece que foi por causa do surgimento de bandas como estas num verão carioca que começou a nascer o mercado pluralista de rock que hoje permite a convivência de milhões de subgêneros de rock num universo que abriga polos tão diversos quanto Akira S & As Garotas que Erraram, de São Paulo, e o Defalla, do Rio Grande do Sul.

“Os paulistas podem ter mil méritos”, diz Paula, num restaurante da Gávea, próximo ao apartamento que divide com seu companheiro e parceiro musical, Herbert

Vianna. “Mas eles têm o vício de achar que os cariocas ficam o dia inteiro na praia. O pior é que o que você vê é uma baixaria generalizada. Eu fico abismada.”

São trapaças da sorte que fazem do sucesso do Kid Abelha um obstáculo que ofusca a importância na cena rock brasileira de Educação Sentimental, um álbum que sumaria a trajetória de uma banda a caminho do pleno amadurecimento após alguns desvios por estradas bem esburacadas. A primeira experiência traumática para a banda foi à saída do baterista Beni, que fundara com o Leoni o Chrisma, grupo embrião do Kid Abelha. Depois, foi o longo período sem baterista fixo, operando com uma sucessão aparentemente interminável de free-lancers. Quando tudo parecia mais calmo, houve o episódio do Rock in Rio – a banda penou sob uma plateia majoritariamente heavy e sob um mau dimensionamento do evento por parte dos músicos brasileiros (Paula: “O festival mostrou às bandas brasileiras que você não pode ter medo de fazer um show ousado, em termos de produção. Não pode entrar nessa de ‘ah, nós somos subdesenvolvidos, mesmo’. Não! Aqui nós somos o máximo”). Tudo isso, mais uma demanda grande para shows e clips, atrasou Educação Sentimental em pelo menos um ano. Quando a banda, afinal, se trancou no estúdio com o produtor Liminha, já haviam se passado 24 meses sem que o Kid Abelha gravasse material novo.

Para o guitarrista Bruno, essa “ausência” foi arriscada, porque “o público, as rádios e as gravadoras se esquecem do artista em pouco tempo”. E, quando ele reaparece, lá vem cobrança. Leoni explica que “os grupos antigos precisam ser grupos novos quando lançam discos novos. Isso é exigido de você”. E, como se isso não bastasse, lá vem à bateria de insultos da crítica paulista.

Mas, se depender de George, já existe uma solução para este último problema: “A gente podia fazer uma vaquinha entre os grupos do Rio, comprar umas passagens e mandar esse pessoal todo para Londres. E ainda dava a eles uma assinatura do Planeta Diário para eles aprenderem a fazer graça”.

Leoni: “O Pepe já foi...”.

Por: José Emílio Rondeau
(publicada na revista Bizz nº 8, março de 1986)

Cedido por André Felipe